

A tuberculose em Kafka: corpo, escrita, vida e morte.

Tania T. S. Nunes.¹

A cada doente o seu deus lar, ao tísico o deus da asfixia.

Franz Kafka (1883-1924) escreveu na virada do século XX. Ao final de seus dias, deixou uma obra memorável, salva de ser queimada, conforme determinara o romancista a seu editor que – para legado da humanidade – não o fez.

Antologia de *Páginas Íntimas*, livro ora lido, é um diário, onde o autor fez anotações entre maio de 1910 e junho de 1923. Traz à tona um eu desnudado, diante da fraqueza da doença. Assim define: “uma fraqueza, uma falha, precisa, mas muito difícil descrever; é uma mistura de ansiedade, de reserva, de indiscrição, de tepidez”. (p. 346)

Sob a sombra da vida, do abismo diante da solidão até a tuberculose aniquilar todo o seu corpo, escreveu Kafka. Melancólico, angustiado, como tantos outros escritores que feneceram na mesma condição e conviveram com a infelicidade da dor, do sofrimento, à espera do encontro com a morte, “a indesejada das gentes”. Conviveu com insônia total, atormentado por sonhos, que “queriam ser gravados na matéria refratária do seu eu”. Escreveu pelo corpo, para o corpo, sobre o corpo e com o corpo. Mas não é só a fraqueza do ser, a impossibilidade de um alicerce de vida que o escritor desvelou em sua escrita visceral.

Kafka rebelou-se contra o absurdo da humanidade, contra os desígnios de um Estado tirânico que, para afirmar o capitalismo industrial sob pressão da Modernidade, fingia não ver “a sorte dos operários mutilados nas fábricas e das viúvas pobres enredados nos labirintos jurídicos e administrativos do Departamento de Seguros Sociais”, em que o autor atuava como advogado.

Em sua obra, revelou um corpo escrito pelas mazelas de outros corpos. Valeu-se de uma linguagem plena de intensidade, que representou sua “miserável”

existência. Massa informe, dilaceramento, vazio, devário, loucura, descalçamento, escombros, desmoronamento e aniquilação são algumas das expressões que esse *eu* em dissolução, infeliz e revoltado, destina a si mesmo, como diz: “há duas noites seguidas escarro sangue (...) Poderia dizer que dilacerei a mim próprio. O mundo e o meu eu, comprometidos num conflito insolúvel, estão em vias de dilacerar o meu corpo.” (p. 373)

No auge do lamento, e com a escrita que lhe preenchia a solidão, escrevia também para sustentar a vida, diante da finitude próxima. Kafka morreu no dia do seu aniversário. Mas não sem antes, em 15.09.1917, dizer:

Se a lesão do pulmão não passa de um símbolo (...), símbolo da ferida e cuja profundidade se chama justificação, então os conselhos do médico (luz, ar, sol, repouso) são também um símbolo. Agarra-te a este símbolo! (p. 292).

Quanto ao símbolo em sua escrita, sabe-se que a linguagem de Kafka é simbólica e guarda uma estreita relação com os elementos da natureza. Desde o Ar, a que alude na passagem que abre este artigo, que é o primeiro elemento que “indicia a vida” e, também, o primeiro que se desprende “no último sopro” na hora amarga da morte, além de um elemento profundamente exterior, estado fora, até o Fogo, ligado ao calor, ardor e febre.

No espaço do simbólico, o elemento Fogo se assemelha ao dispêndio de energia, que, neste caso, é a vida consumida, sacrificada. Sobre o eixo do comportamento, Patrick Ravnant² diz que o atear fogo é estar no âmago da metamorfose universal, é tornar-se a própria metamorfose e não mais sofrê-la, é assumir morte e nascimento de cada instante que se consome.

1. Professora de Letras e Literatura, aluna do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Federal Fluminense – UFF.

2. RAVIGNANT, Patrick. *Lês Presages*. M. A. Editions, Paris, 1983.

É toda a intensa percepção do devir, que se assemelha a uma combustão. (p. 75)

Poder escrever – sentenciou Kafka, confirmando o teórico acima citado – objetivar a dor na dor, é o que faço por exemplo. Para mim, um grande trabalho poético seria uma divina solução e uma autêntica entrada na vida (p.116). E, se a escrita é comunicação, é um acontecimento e, como tal, é um vir-a-ser, um devir, o autor nos mostra que também é uma forma de expurgar do corpo o sofrimento e da alma, em sombras, o vazio: “tudo que não é literatura me aborrece e me é detestável porque me importuna ou entrava, ainda que seja hipoteticamente. É por isso que sou desprovido de todo sentido da vida.” (p. 264)

Kafka fazia questão de mostrar que esse “não sentido” esse nada, que dizia ser sua vida, essa ruína existencial impulsionava-o à escrita: “escrevo forçado pelo desespero que me causam o meu corpo e o futuro desse corpo”. (p. 8).

O fato é que, entre a doença que lhe esburacava o corpo e a escrita que sustentava a alma da sombra da morte, em alguns momentos, o *eu* tenta disfarçar e fala de esperança, mas revela um embrutecimento interior: “Sou de pedra; sou a minha própria pedra tumular, sem nenhum interstício para a dúvida ou para a fé, para o amor ou para a repulsa (...) Só uma vaga esperança vive... tenho uma poderosa faculdade de mimetismo que ninguém nota”. (p. 102)

Muitos autores, em desvario, sem fé, em dúvida ou repulsa pela vida que lhes resta, em momentos de grande desarrumação social e da proximidade do fim, mostram essa capacidade de mimetizar e revelam uma lucidez inigualável. Kafka não foi o único. O tuberculoso é um predestinado à eloquência quando evoca a sua desgraça. Nas fases de euforia acham-se algumas páginas de arrebatadora beleza verbal. Nelas estão fixadas as faces da agonia, a insônia e a febre lenta e consumidora. “É uma espécie de inferno construído de beleza e que nessa beleza se redime.”³ Nesta transformação está a presença do elemento Fogo, promovendo uma metamorfose comum e mútua, onde o transitório tende para uma perfeita sincronicidade.

Para suportar esse grande mal da humanidade do início do século XX, que atingiu toda uma geração de artistas e poetas, Baudelaire, em *O meu coração a nu* (1851)⁴, ousou deixar a fórmula de um xarope:

*Peixes, banhos frios, duches, líquen, pastilhas, ocasionalmente; aliás supressão de qualquer excitante. Líquen da Islândia*⁵... 125 gramas; Açúcar branco ... 250

gramas. Pôr de molho o líquen, durante doze a quinze horas, numa quantidade de água fria suficiente, depois deitar fora a água. Ferver o líquen em dois litros de água num lume brando e contínuo, até estes dois litros se reduzirem a um único litro, escumar uma única vez; acrescentar, então os 250 gramas de açúcar e deixar engrossar até a consistência de xarope. Deixar arrefecer. Engolir por dia três colheradas muito grandes, de manhã, ao meio-dia e á noite. Não temer forçar as doses, se as crises forem demasiadamente freqüentes. (351-353)

Cabe um parêntese para referir que a história da civilização se confunde com a própria história da tuberculose, detectada 3000 anos antes da era cristã. Algumas passagens do Antigo Testamento, entre elas as do *Deuterônimo* e do *Levítico*, faziam referência a essa enfermidade: “O Senhor te castigue com pobreza, com febre e frio, com calor e secura, com a infecção de ar e com ferrugem, e te persiga até que pereças.” (cap. 28, verso 22)

Mesmo convicto da doença que o abalava, Kafka deixou uma crítica contundente à desumanidade do sistema capitalista competitivo e individualista, onde o *eu* tem maior importância que o *outro* ou, até mesmo, o *coletivo*. Uma lição exemplar para os dias de hoje, em que vivenciamos cenas urbanas trágicas, quando corpos são martirizados e homens inertes se brutalizam diante do mal sem qualquer piedade ou respeito pelo seu semelhante:

É necessário acreditar que a natureza do outro é então dentro de mim tão precisa e invisível como numa imagem criptográfica onde, aliás, jamais seria encontrada se não suspeitássemos da sua existência. Aquele que renuncia ao mundo deve amar os homens, porque renuncia também ao seu mundo. Começa a pressentir deste modo a verdadeira essência humana, que apenas pode ser amada com a condição de lhe sermos igual. (p. 103; 436-7)

O autor combatia as conseqüências de uma nova era desenvolvimentista que atingia brutalmente a estrutura social do seu tempo, não aceitava o sofrimento humano que presenciava em seu dia-a-dia. Por isso mesmo, a preocupação com o *outro* e a crítica ao progresso presente em sua escrita: “Estive na fábrica ... Lastimável fábrica!” (p. 246). Kafka fez de seu projeto estético uma utopia, não no sentido do sonho ou do devaneio, mas de resistir, de valer-se da pena para contestar a indiferença, um destino absurdo que se avizinhava para o futuro da humanidade.

3. QUEIROZ, Rachel. Tuberculose e Literatura. In: Montenegro, Tulo Hostilo. Tuberculose e Literatura. Rio de Janeiro: A Casa do Livro, 1949, p.3.

4. BAUDELAIRE, Charles. Diários Intimos, Ed. Planeta de Agostini: São Paulo, 2003.

5. Liqueen muy ramificado, cuya altura no sobrepasa los 12 cm, de color verde oliva o grisáceo, crecen en soportes pobres y ácidos como rocas, árboles y muros. La planta se recoge a finales del verano o en otoño y se deja secar al aire, aunque no conviene exponerlo demasiado a la luz. Contiene mucilagos (hasta un 70%, ácidos liquénicos) que tienen una ciertas propiedades antibióticas y tuberculostáticas. Entre ellos está el ácido ursínico que es bactericida frente al *Mycobacterium tuberculosis*. Trata-se de uma planta medicinal. www.iqb.es/cbasicas/farma/farma06/plantas. Acesso em 29.3.2007.

Esse é o poder da literatura. Poder fazer saltar a vida, poder dizer o que nem sempre se quer revelar. Antes, entretanto, de Kafka, “em meados do século XIX, ressalta Lucia Helena,⁶ quando a literatura era um fenômeno central para a cultura e o intelectual dispunha de maior capacidade de mobilização pública, Charles Baudelaire e Gustave Flaubert pressentiram que uma crise rondava o mundo burguês e a sua sociedade de mercadorias”.

Kafka, como esses dois literatos, não se fez indiferente ao seu tempo, mesmo com a tuberculose que carcomia seu corpo e a luta contínua em desenredar um tênue fio de vida vivida no limite, na fronteira da morte, resistia, contrariando sua vontade, ao trabalho de advogado que lhe garantia o sustento, pois sabia não ser possível sobreviver da literatura. Uma fronteira

que às vezes parecia transpor, quando em sua escrita mostra o retorno do abismo: “tenho o pulso de um velho pescador feliz e infatigável” (p. 380). Mas, às vezes, também, desmorona no próprio abismo: “a partir de um certo ponto deixa de haver regresso. É esse ponto que é necessário atingir.” (p. 415) E, só crê no fim: “Não existe *haver*, existe apenas um *ser*, um *ser* que deseja apenas o último suspiro, a asfixia.” (p. 425)

Essa é a metamorfose de Kafka, que escreve não só para alimentar o eu do artista inconformado, para sustentar um corpo dilacerado, para “se agarrar à vida”,⁷ para pensar a si mesmo, o outro e o próprio mundo, para acreditar ser “a vida um jogo de paciência”,⁸ para “a possibilidade de servir a plenos pulmões”⁹ mas, como ele mesmo disse, “**para tranquilizar um pouco, para tornar ambos a vida e a morte mais fáceis**”¹⁰.

6. HELENA, Lúcia. A literatura tem poder? In: Literatura e Poder. Lúcia Helena e Anélia Pietrani (org.) Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, p. 11.

8. Kafka, p. 116

9. Kafka, p. 353.

10. Kafka, p. 718